

Dia Mundial da paz

Por: Maria Clara Lucchetti Bingemer

Na virada do novo ano que se iniciou em nosso calendário, fizemos o tradicional gesto de brindar e levantar o pé direito, deixando para trás um tempo que não nos traz boas recordações. Se a história da humanidade é a história de suas guerras, 2003 ficará lembrado como um dos mais sangrentos e violentos desde o advento do *homo sapiens sapiens*.

O novo ano começa com a celebração do Dia Mundial da Paz. Em mensagem carregada de preocupação e solicitude pastoral, o Papa recorda a trajetória das exortações da Igreja em favor da paz. E toma como lema: educar para a paz.

A educação para a paz é hoje reconhecida como uma área pedagógica da maior importância. Indiscutível, necessária, cria uma espécie de consenso pedagógico. Nasceu especialmente depois da dura experiência da primeira guerra, quando a juventude européia foi dizimada e se revolucionou a arte da guerra, com a introdução da metralhadora, do avião bombardeiro, dos gases.

Depois da experiência da segunda guerra, com a questão do holocausto e da bomba atômica, também houve novo influxo de educação para a paz. As Igrejas têm participado, assim também como a academia e as diversas organizações de direitos humanos. É preciso educar para a paz. A paz é possível mas o ser humano necessita ser para ela educado, já que a violência vem tentando moldar sua cabeça e seu coração há tantos anos e por tantas décadas e séculos.

No entanto, um dos maiores obstáculos para se construir "naturais" e não produzidas pelo próprio ser humano. Pensadores como Rousseau afirmam que somos naturalmente pacíficos. Outros, como Conrad Lawrence afirmam que somos naturalmente violentos, e que a violência está inscrita geneticamente no corpo humano.

Em 1956, em um encontro de cientistas do mundo inteiro, em Sevilha, um grupo de intelectuais de todas as áreas do saber lançou um manifesto desmistificador de todas essas afirmações pré-concebidas. O chamado Manifesto de Sevilha afirma que um certo número de presumidos descobrimentos biológicos foram manipulados no sentido de servir para justificar a violência e a guerra. Esses cientistas afirmam que a biologia não condena a humanidade à guerra e que a mesma espécie que inventou a guerra pode inventar a paz. Ora, a desnaturalização da violência, da guerra e da paz conduz a um segundo momento: a constatação de que a educação para a paz é possível. Se a violência e a paz são entidades culturais, portanto construídas e produzidas, podem ser também ensinadas. E se ambas - violência e paz - têm algo a ver com política, economia, organização social, também podem ser objeto da educação, da cultura, da pedagogia.

A ilustre antropóloga canadense Margaret Mee, reforça essa compreensão da guerra em um texto muito bonito: - A guerra é uma invenção cultural. Para ela, a guerra é uma invenção igual a quaisquer outras invenções pelas quais ordenamos nossas vidas, tais como escrever, casar-se, cozinhar nosso alimento em lugar de comer no clube, o julgamento para o jurado, o enterro dos mortos... Ela comparou e analisou vários grupos humanos e demonstrou que a guerra não constitui nem uma necessidade biológica, nem um resultado de certo estilo de formas sociais em um arranjo tal que sua abrangência ou historicidade não lhe tira o fato de

ser uma invenção. Mee duvidou da inevitabilidade da guerra e diz que a guerra é uma acidente histórico.

Portanto, neste começo de ano no qual o Papa nos pede *Educar para a paz*, comecemos passando de um conceito de paz entendido como negatividade para a paz como positividade. Abandonemos o conceito da paz como a ausência de guerra, como ausência de perturbação, para um conceito mais positivo associado às experiências humanas tais como justiça, igualdade, democracia. Na Grécia, a deusa da paz tinha duas irmãs: a justiça e a igualdade. Na Bíblia, na belíssima expressão clássica do Salmo 85, a paz é irmã da justiça. Mas o Ocidente desconstruiu isso, derrubou a positividade da paz. O conceito negativo de paz é hoje insuficiente, não só por causa dos descomedimentos da condição da guerra, mas sobretudo, como afirma Habermas, porque o surgimento da guerra tem causas sociais. Precisamos criar um imaginário em que a paz esteja associada positivamente, com direitos humanos, com democracia, com justiça, e não negativamente, com a ausência de guerra e a ausência de perturbação.

Talvez devêssemos pensar a paz como um acontecimento. Em vez de ter a paz, de a paz me ter, pensar a paz como um processo, um acontecimento em que a gente se insere, a figura de movimento social. Hoje já está se entendendo a paz como um movimento social, um grande movimento que tem várias frentes, como a luta contra o armamentismo, como os movimentos de objeção de consciência ao serviço militar e ao militarismo, como um próprio movimento de uma cultura de educação para a paz, os movimentos de solidariedade e resolução de conflitos, os movimentos de justiça, ecologia e direitos humanos. Entender a paz como um acontecer, como um processo, como algo que desabrocha, é certamente um passo decisivo na direção de uma educação para a paz.